

Jorge Kantor*

A sexualidade curva

Vórtice indaga neste número, através das perspectivas clínicas de oito psicanalistas latino-americanos, a sexualidade e o gênero, em um tempo de expansão da consciência com respeito à diversidade da “identidade nuclear de gênero” (Stoller, 1968).

Sem dúvidas, a sexualidade é a característica principal, primordial, da psicanálise, e ainda que se possa argumentar que a teorização atual se afasta em direção à dimensão vincular (pré-edípica), a inquietante vigência do tema sexual no plano social (cultural e jurídico) renovou a consciência da precedência da dimensão sexual. Naturalmente, toda ampliação da consciência gera, ao mesmo tempo, polêmica e resistência.

Do ponto de vista cultural e jurídico há um processo em andamento que se expressa, por exemplo, na premiação com o *Oscar* do filme *Uma mulher fantástica* (Dios Larraín, Larraín, Lelio, Maza e Lelio, 2017), película que trata da problemática de pessoas transgênero. Em geral, pode-se afirmar que a comunidade LGBTQIA (lésbica, gay, bissexual, transexual, intersexual, queer e assexual) está conseguindo uma maior representação no imaginário coletivo contemporâneo, por meio de um número de importantes transformações no plano social.

Nesta ocasião, **Vórtice** se pergunta se tem havido processos observáveis clinicamente, paralelos a essas transformações sociais, nas pessoas que nos procuram. Questionamentos coisas como: a oposição binária feminino/masculino perdeu a vigência? Há uma tolerância cada vez maior com atitudes e comportamentos “masculinos” em mulheres e “femini-



nos” em homens? Estará mudando a dinâmica da bissexualidade nestes tempos?

O conceito da “bissexualidade constitucional” (Freud, 1905/1993) é importante no estado atual da discussão, porque abre a perspectiva da diversidade do sexo e do gênero, evitando reduzir a discussão à oposição binária do “masculino” e do “feminino”. O conceito de bissexualidade também serve para separar “o joio do trigo” entre as grandes teorias sexuais freudianas.

Freud, sobre a natureza sexual (que depois foi chamada de “identidade nuclear de gênero”), tocou no âmago da questão.

Para Freud essa “identidade nuclear” não é de todo homem, nem de todo mulher:

no caso do ser humano nem no sentido psicológico nem no biológico se acha uma pura masculinidade ou feminidade. ...tanto na medida em que esses traços de caráter psíquicos dependam dos biológicos como em que são independentes [deles] (p. 139)¹.

A sexualidade é “curva”, na medida em que para compreender o sentido da linha que vai do masculino ao feminino, não se pode traçar uma reta entre ambos. Ou melhor, a transformação que se opera no trajeto entre os dois polos se relaciona a outros fatores: a genética, ao meio ambiente e ao acaso, ou dito em uma linguagem freudiana, às “séries complementárias” (Laplanche e Pontalis, 1967/1977, p. 420). Esses fatores influenciam *curvando* o plano gravitacional da “identidade nuclear de gênero” de cada um de nós.

Precisamente, Leticia Glocer em “A sexualidade em cena” examina a extensão progressiva de adaptações não convencionais da sexualidade e as expressões migrantes dos gêneros, que superaram a polaridade binária masculino-feminino.

Marco Posadas em “Como se escuta o gênero na clínica psicanalítica: Um olhar antiopressivo” se pergunta como os psicanalistas pensam e discutem a diversidade de gênero. Posadas adverte que os temas de sexualidade e de gênero produzem um nível de mal-estar e perturbação na psicanálise atual.

Cecilia Rodríguez nos mostra algo dessa perturbação do campo psicanalítico no texto “Problemáticas atuais: A infância transgênero”. Rodríguez questiona o que se constrói em meninos e meninas como uma espécie de dismorfia do feminino e do masculino, que põe em risco o processo da sexuação da configuração psíquica ao adiantar-se à pergunta neurótica “sou homem ou sou mulher?”.

Aida Ungier em “O corpo como palco e cenário” nos recorda, entre outras questões, que a sexualidade antecede ao gênero, no sentido em que a sexualidade mesma não tem sexo, senão que é uma força vital pulsional que precede a definição binária da identidade sexual da personalidade.

Igualmente, Patricia Alkolombre em “Desconstruções e transformações da sexualidade:

‘Ela não é uma mulher de verdade’” observa uma realidade presente na sociedade que se reflete na clínica, chega aos consultórios e nos leva a pensar nos novos paradigmas a partir de um olhar psicanalítico mais livre. Traz como exemplo a consulta de um casal sobre Marcelo/a, namorado/a transexual do filho.

María Pía Costa, em “Novos paradigmas, novos desafios”, busca um equilíbrio entre os novos paradigmas que se acrescentam a uma perspectiva já alcançada pela psicanálise sobre a natureza da inserção dos novos membros da espécie ao mundo, ao discutir as posições em debate sobre a procriação, independentemente da identidade sexual ou de gênero.

Sandra Schaffa, em “Intimidade e diferença sexual”, considera que a indeterminação de ser homem e mulher, nem um nem outro ou ambos, é própria das neuroses estudadas por Freud. A autora, a partir de uma perspectiva lacaniana, reflete sobre o caso de intersexualidade de Alex, personagem do filme *XXY* (L. Puenzo, Morales e A. Puenzo, 2008).

Por último, Margarita Cerejido entrevistou um grupo de 30 mulheres solteiras grávidas em Nova York nos anos 80, que haviam decidido ter filhos sem um parceiro. Trinta anos depois, voltou a entrevistá-las. Cerejido ficou surpresa com o desenlace. Aparentemente, as famílias monoparentais funcionavam.

É assim que, nesta oportunidade, **Vórtice** explora as transformações e expansões contemporâneas na dimensão da sexualidade e do gênero, a partir de oito perspectivas vividas no exercício da psicanálise.

Referências

Dios Larraín de, J., Larraín, P., Lelio, S., Maza, G. (produtores) e Lelio, S. (diretor). (2017). *Una mujer fantástica* [longa-metragem]. Chile, Alemanha, Espanha, Estados Unidos: Fábula, Komplizen Film, Setembro Cine.

Freud, S. (1993). Tres ensayos de teoría sexual. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 7, pp. 109-224). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).

Laplanche, J. e Pontalis, J.-B. (1977). *Diccionario de psicoanálisis*. Buenos Aires: Labor. (Trabalho original publicado em 1967).

Puenzo, L., Morales, J. M. (produtores) e Puenzo, A. (diretora). (2007). *XXY* [longa-metragem]. Argentina, França, Espanha: Historias Cinematográficas Cinemania, Wanda Visión S. A., Pyramide Films.

Stoller, R. (1968). *Sex and gender: On the development of masculinity and femininity*. Nova York: Science House.

* Sociedad Peruana de Psicoanálisis.

1. Freud, S. (1905/2017). *Obras completas, volume 6* (Paulo Cesar de Souza, Trad). São Paulo: Companhia das Letras.